

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**GILVÂNIA BARBOSA**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DO  
MUNICÍPIO DE BAGÉ- RS**

**Bagé  
2015**

**GILVÂNIA BARBOSA**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DO  
MUNICÍPIO DE BAGÉ- RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras- Português e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

**Bagé**

**2015**  
Gilvânia Barbosa

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DO  
MUNICÍPIO DE BAGÉ- RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras- Português e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em letras.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Carvalho  
Bica

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 16 de dezembro de 2015.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Orientador

UNIPAMPA

---

Prof. Dra. Claudete da Silva Lima Martins

UNIPAMPA

---

Prof. Dra. Taíse Simioni

UNIPAMPA  
**AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus que me deu forças para ultrapassar todos os obstáculos e graças à Ele consegui chegar onde estou;

Agradeço, também, à minha mãe Rose e meu pai Gaspar por todo o apoio dado;

Agradeço, especialmente, meu orientador prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica pela paciência, carinho e dedicação com que me orientou nesse trabalho.

Agradeço às alfabetizadoras, Margarida e Hortência pela disponibilidade de seu tempo.

Por fim, agradeço à todos que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho.

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta os resultados e discussões de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo conhecer e refletir sobre as memórias de professoras alfabetizadoras aposentadas da cidade de Bagé-RS. Para tanto, aplicamos uma pesquisa qualitativa que adotou como método de coleta das memórias, uma entrevista semi-estruturada onde as entrevistadas tiveram oportunidade de rememorar suas memórias, refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem, bem como suas mudanças. A problematização inicial dessa pesquisa, bem como a reflexão das memórias das entrevistadas, está em saber que modificações ocorreram na visão atual e na visão que as entrevistadas tinham quando iniciaram suas jornadas de alfabetizadoras. Trabalhamos com os conceitos de memória e história oral, sendo que a utilização de fontes orais é algo recente, mas de grande relevância para esse trabalho. Por fim, podemos perceber que as vidas pessoais e profissionais se atrelam, sendo a profissão de professor algo que marca as vidas de alunos e professores, como podemos perceber com os relatos coletados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Alfabetização, Memória, História Oral.

## RESUMEN

El presente trabajo presenta los resultados y discusiones de una investigación cualitativa que tuvo como objetivo conocer y reflexionar sobre los recuerdos de alfabetizadores se retiraron de la ciudad de Bage-RS, Para ello, aplicamos una investigación cualitativa que adopta el método de colección de recuerdos, una entrevista semi-estructurada, donde los encuestados eran capaces de recordar sus memorias, reflexionando sobre el proceso de enseñanza y aprendizaje, así como sus modificaciones. Al cuestionamiento inicial de esta investigación, así como el reflejo de los recuerdos de los entrevistados, es conocer qué cambios se produjo en la vista actual y la opinión de que los encuestados tenían cuando comenzaron sus Journeys alfabetizadores. Trabajamos con los conceptos de memoria y la historia oral, y el uso de las fuentes orales es un fenómeno reciente, pero de gran importancia para este trabajo. Por último, podemos ver que las vidas personales y profesionales están estrechamente vinculados, y la enseñanza profesión algo que marca la vida de los estudiantes y profesores, como podemos ver con los informes recogidos.

**PALABRAS CLAVE:** Educación, Alfabetización, Memoria, Historia Oral.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Introdução.....   | 7  |
| 1. Conceito de Memória e História.....                        | 9  |
| 2. A Lei nº 5.692 de 1971.....                                | 12 |
| 3. O Processo de Ensino-Aprendizagem das Alfabetizadoras..... | 14 |
| 4. Percurso Metodológico.....                                 | 18 |
| 5. As Memórias das Alfabetizadoras Entrevistadas.....         | 21 |
| 5.1. Memórias da Professora Alfabetizadora Margarida.....     | 21 |
| 5.2. Memórias da Professora Alfabetizadora Hortência.....     | 23 |
| Considerações Finais.....                                     | 24 |
| Referências.....  | 25 |
| APÊNDICES.....  | 29 |

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Curso II (TCCII) apresenta os resultados de uma pesquisa sobre histórias de vidas de alfabetizadoras aposentadas da cidade de Bagé-RS. Essa pesquisa buscou, através de relatos das alfabetizadoras primárias, compreender como foram construídas suas visões acerca da educação e sobre seus saberes docentes adquiridos ao longo da vida profissional.

No mapeamento destes relatos foram realizadas entrevistas semi-estruturada, para compreender o porquê da opção da profissão e como foram feitas estas escolhas, bem como a permanência destas alfabetizadoras na profissão docente.

O trabalho apresentará uma abordagem bastante relevante a respeito dessas professoras alfabetizadoras aposentadas, nas quais relatarão e refletirão sobre suas trajetórias de vida e seus métodos de ensino. Também, levamos em consideração que as entrevistas começaram a lecionar na década de 1970, década de mudanças na formação dessas alfabetizadoras.

A pesquisa foi qualitativa, enfatizando o ponto de vista das entrevistadas dando-lhe maior liberdade de resposta, sendo, também, este tipo de pesquisa flexível, possibilitando-nos redirecionamento e aprofundamento.

A pesquisa surgiu da minha curiosidade de saber como essas professoras veem a educação e, refletindo sua identidade de docente, agora, aposentadas a visão continua ou não a mesma e o porquê disso. Além disso, gostaria de saber o que a vida profissional dessas docentes interferiu em suas vidas pessoais e o inverso.

Compreendendo os relatos das alfabetizadoras, penso que conseguirei entender melhor a educação. Além disso, é na formação inicial que começam a surgir às dificuldades dos alunos que, se não forem trabalhadas no tempo certo, prejudicarão os estudos futuros.

A pesquisa, também, justifica-se pela relevância de dar voz a essas alfabetizadoras, fazendo-as rememorar e refletir sobre sua prática docente e as mudanças ocorridas ao longo dos tempos. A pesquisa sobre o tema justifica-se pela relevância de não encontrarmos pesquisas sobre os relatos de alfabetizadoras de Bagé-RS e por serem esses relatos boa fonte de reflexão sobre a educação básica.

Conforme Bosi (2004, p. 55 apud. Feller; Antunes, 2008): *“Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e*



*ideias de hoje, as experiências do passado.*” Relembrar sua prática docente e sua metodologia de ensino-aprendizagem contribui para que as alfabetizadoras reflitam sobre seus métodos de ensino e seus saberes docentes.

O trabalho está estruturado em 5 (cinco) capítulos, iniciando pela introdução e encerrando pelas considerações finais.

No primeiro capítulo, intitulado “*O Conceito de Memória*” discorreremos sobre o conceito de memória e de sua utilização como fonte de pesquisa. Também, discorreremos sobre memória e história oral.

No segundo capítulo, intitulado “*A Lei nº 5.692 de 1971*” faremos um percurso histórico sobre a estrutura de ensino anterior à lei, com ênfase na alfabetização, e posterior à lei discutindo algumas mudanças ocorridas que geraram conflito e desvalorizaram a profissão de alfabetizadora.

No terceiro capítulo, intitulado “*O Processo de Ensino-aprendizagem das alfabetizadoras*” discutiremos sobre algumas metodologias de ensino-aprendizagem relatadas pelas entrevistadas. Dessa forma, conseguiremos compreender quais modificações metodológicas foram empregadas pelas alfabetizadoras.

No quarto capítulo, intitulado “*Percurso Metodológico*” apresentaremos a metodologia empregada na pesquisa.

No quinto capítulo, intitulado “*As Memórias das Alfabetizadoras Entrevistadas*” apresentaremos os resultados dos relatos coletados, discutindo-os e refletindo sobre as respostas das alfabetizadoras.

## 1- CONCEITO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

O conceito de memória e o conceito de história oral são importantes para o presente trabalho, visto que nos basearemos na rememoração de memórias de alfabetizadoras aposentadas, ou seja, alfabetizadoras que já concluíram sua jornada pedagógica e agora são convidadas a lembrar e refletir essa jornada.

Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna, ambas pesquisadoras em história da PUC-RS (Pontífice Universidade Católica) discutem em seu artigo intitulado **História Oral como Fonte: Problemas e Métodos** os problemas de se trabalhar como uma fonte de pesquisa que, segundo as autoras, é viva como a memória.

Para tanto Matos; Senna (2011) afirmam que: *“A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes necessita de documentos variados, não apenas os escritos.”* (p. 96)

Dessa forma, conseguimos compreender, de forma mais ampla, a valorização das fontes orais para as pesquisas historiográficas. Essas fontes segundo os autores servem muito para a pesquisa do contemporâneo e de objetos da memória humana.

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. (Matos; Senna, 2010, p. 96).

Pensando em memória e em seu conceito, Matos; Senna (2011) concluem que: *“... a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado”* (p.97) e por ter sua origem junto com a invenção ao ser reconstruída para ser exposta pode ser alterado, ou refletida. Ou seja, a rememoração destas memórias que serão expostas poderão construir o passado ou apenas pontos significativos para a fonte que os profere.

Após essas primeiras discussões os autores, em seu artigo, discorrem sobre a cronologia da história oral que começa com o rompimento da história oral da cultura oral que começa em meados da década de 1950 nos Estados Unidos repercutindo ao longo das décadas até chegar à década de 1970 na América Latina. Após esse rompimento, a história oral adquire uma metodologia e uma organização teórica.

As críticas em relação à história oral como fonte é que os dados obtidos através dela podem não ser exatos, contudo possuem, na maioria das vezes, dados que uma pesquisa escrita não encontra. Outra crítica acerca da história oral é que só pode ser usado em pesquisas contemporâneas, contudo tal crítica não se sustenta pois, a partir do momento em que esses dados são registrados podem ser utilizados em outra época que não a atual.

Para que os dados coletados sejam válidos é necessária à reflexão do pesquisador sobre eles. Dessa forma, as perguntas a serem feitas que culminem nessa coleta devem ser muito bem pensadas, ou seja, a pesquisa que leva em conta memória e história oral devem ser conduzida por boas perguntas, sucintas e diretas para que consigamos obter respostas plausíveis.

De acordo com Matos; Sena (2011): *“Os critérios utilizados para formular boas perguntas e obter boas respostas são muito importantes na elaboração de uma pesquisa com fontes orais.”* (p.103). Optamos nesse trabalho pela entrevista semi-estruturada como veremos no capítulo deste trabalho intitulado “Percurso Metodológico”.

Ainda de acordo com a autoras, a história oral possui 4 (quatro) grandes modalidades que são: O estilo arquivo-documentalista que é baseado na criação e organização de documentos transcritos que poderão ser utilizados por outros pesquisadores; o estilo difusor populista que busca na história oral relatos não encontrados na história escrita e divulgam os dados sem ou muito pouca profundidade e reflexão; estilo reducionista que utiliza a história oral como fonte complementar de pesquisa e o estilo analista completo onde os pesquisadores “interpretam, criticam e situam historicamente os depoimentos e as evidências orais” (p. 106).

O presente trabalho se encaixa ao último estilo mencionado, pois utilizaremos os dados coletados como fonte para refletirmos, interpretarmos, bem como situar tais relatos.

Renilson Rosa Ribeiro, no ensaio intitulado **Nos Jardins do Tempo: Memória e História na Perspectiva de Pierre Nora**, reflete sobre as semelhanças e rupturas entre os conceitos de memória e de história no ponto de vista do historiador francês Pierre Nora.

De acordo com Ribeiro (2004): “As palavras memória e história evocam o mesmo tempo- o passado” (p. única). Ou seja há uma ligação entre os conceitos.

Ribeiro em busca de diferenças cita Maurice Halbwachs (1990) que fala da memória coletiva e da individual.

Dessa maneira, a história é escrita e impessoal e, nela, grupos com suas construções desaparecem para ceder lugar a outros, pois a escrita não os registrou. A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. A história viva é, portanto, o lugar da permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é somente uma aparência. (Ribeiro, 2004, p. única)

Mais uma vez, podemos notar que a utilização de memória como fonte de pesquisa é válida se utilizada de forma reflexiva e com certa profundidade, por ser ela (a memória) uma fonte viva e inesgotável que ao ser reconstituída várias vezes se modifica com a reflexão e a rememoração de momentos marcantes e decisivos para os sujeitos da pesquisa. Vejamos o conceito expresso por Pierre Nora.

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo" (NORA, 1993, p. 9 apud. RIBEIRO, 2004, p. única)

Ao afirmar que a memória é "*um fenômeno sempre atual*", uma ligação estabelecida entre o a representação passada e a rememoração presente, percebemos que ao lembrarmos de algo é possível reviver o momento marcado, pois se nos lembramos de coisas que nos marcaram. Ao entrevistarmos as alfabetizadoras, percebemos que suas lembranças relatadas formam esse elo que serve como reflexão, percebemos que ao relatarem sobre sua vida docente elas revivem o que se passou, contudo há uma reflexão envolvida, um novo olhar sobre determinada lembrança e é nesse sentido que trabalharemos com o conceito de memória.

## 2- A LEI Nº 5.692 DE 1971

As alfabetizadoras entrevistadas começaram a lecionar na década de 1970, década onde ocorreram mudanças na educação brasileira, a mais significativa foi a Lei nº 5.692 de 1971.

Para melhor compreendermos o impacto da lei 5692/71 na educação e, principalmente, na formação de professores alfabetizadores, devemos compreender como era a formação anterior.

A primeira lei que regulamenta a educação e formação docente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional data de 1961, nessa época a educação era dividida em curso primário e secundário. O curso secundário era dividido em ginásio e colegial que por sua vez poderia ser cursado em duas modalidades: clássico e científico, contudo sua admissão exigia um exame.

(...) em 1961 é promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (4.024/61) que não alterou significativamente o processo de formação dos professores primários. Mantém a formação de regentes em nível ginásial e de professores em nível colegial, e acrescenta a possibilidade dos institutos de educação habilitarem professores para ministrar aulas em escolas normais. (ALMEIDA, 2004, p.19)

De acordo com Castro (2006), as alfabetizadoras eram habilitadas a ministrarem aulas, ou seja, tornarem-se regentes de ensino primário, através do Curso Normal (curso posterior ao Primário), promulgado através do decreto-lei 8.530 de 2 de janeiro de 1946.

O ensino normal ficou subdividido em cursos de dois níveis: como curso de primeiro ciclo, passava a funcionar o curso de formação de regentes de ensino primário, com duração de quatro anos, que funcionaria em escolas com o nome de Escolas Normais Regionais; e, como curso de segundo ciclo, continuavam a existir os cursos de formação de professor primário, com a duração de três anos, que funcionariam em estabelecimentos chamados Escolas Normais. (CASTRO, 2006, p. 8)

Desta forma para se tornar uma alfabetizadora, regente de ensino primário, era necessário cursar o curso normal de primeiro ciclo nas Escolas Normais Regionais. Contudo tal realidade mudou, de forma abrupta, com a promulgação da lei 5692/71. Tal ruptura é destaca por Almeida (2004):

Portanto, o Curso Normal de formação de professores que vinha sendo estruturado com base no entendimento possível de cada época, a partir das condições necessárias para a formação do profissional da educação que iria atuar no processo de aquisição de conhecimentos dos alunos que cada vez mais em maior quantidade e cada vez mais de diferentes classes sociais estabelecidas na sociedade sofre um processo de ruptura ao ser considerado mais uma habilitação profissional, como um ensino técnico e que enquanto formação desenvolvida no ensino de 2º grau deveria seguir as determinações gerais deste grau de ensino. (ALMEIDA, 2004, p. 30)

A década de 1970 marcou a educação através da preocupação compulsória de profissionalização por parte do governo, influenciado pelo capitalismo advindo da ditadura militar de 1964.

A lei 5692/71, que estabeleceu diretrizes e bases para o primeiro e o segundo graus, contemplou a escola normal e, no bojo da profissionalização obrigatória adotada para o segundo grau, transformou-a numas das habilitações desse nível de ensino, abolindo de vez a profissionalização antes ministradas em escola de nível ginasial. Assim, a já tradicional escola normal perdia o status de “escola” e, mesmo, de “curso”, diluindo-se numa das muitas habilitações profissionais de segundo grau, a chamada Habilitação Específica para o Magistério (HEM). Desapareciam os Institutos de Educação e a formação de especialistas e professores para o curso normal passou a ser feita exclusivamente nos cursos de Pedagogia. (TANURI, 2000, p. 80 apud. ALMEIDA, 2004, p.23)

Podemos observar, desta forma, que as mudanças ocorridas com a promulgação da lei 5692/71 foram abruptas e diminuíram o crédito da profissão docente, tornando-a, apenas, mais uma habilitação, mais uma opção. Veremos a como era constituído o ensino antes da promulgação da Lei 5.692/71 e as mudanças que ela trouxe para a educação.

A principal característica advinda da Lei 5.692/71 foi que a formação para regentes de ensino primário, foi substituída pelo termo professoras das séries iniciais, bem como a mudança da estrutura educacional impulsionada pela Unesco.

### 3- O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DAS ALFABETIZADORAS

As autoras Helenera Feller e Helenise Antunes no artigo intitulado **Professora Alfabetizadora: Um olhar sobre a Formação Pessoal e Profissional** discorrem sobre a importância da amorosidade no processo de ensino-aprendizagem.

A importância da amorosidade que permeia a aceitação do ser humano, respeitando as suas individualidades e suas potencialidades contribuíram para a segurança e permanência na escola. (FELLER; ANTUNES, 2008, p. 9)

Além de contribuir com o processo de alfabetização, a amorosidade contribui para que haja segurança e permanência de ambas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, professor e aluno.

Ao falarmos de alfabetizadoras, devemos pensar o conceito de alfabetização, como compreendermos ou podemos compreender tal processo tão importante na vida escolar de todos nós e como as alfabetizadoras veem tal processo atualmente e como viam na época que lecionavam.

Falamos ainda hoje em alfabetização como se somente novas propostas, novas metodologias, novas teorias fossem suficientes para dar conta de um processo que ainda hoje contribui com a exclusão do aluno (e de sua cultura) da escola, resiste em considerar a parceria dos pais durante este processo, e por fim, não considera as trajetórias das alfabetizadoras, responsáveis diretas pelos diferentes encaminhamentos dados a leitura e a escrita no ambiente escola. (MACHADO; OLIVEIRA, 2002, p. 1)

De acordo com Machado; Oliveira (2002) quando se discute a alfabetização, os processos que a envolvem e as metodologias das professoras nos remeteram muito ao atual, como se a atualidade trouxesse certa “receita” trazida da inspiração sem relação com o passado. Acreditamos que os novos métodos foram pensados no passado até que chegarmos a denominador comum.

Outra questão que será pensada neste trabalho é a formação inicial e continuada dessas alfabetizadoras, refletindo sobre sua formação e sua metodologia. Segundo Machado; Oliveira (2002) que é necessário uma “pesquisa que dê conta de responder, pelo menos em parte, as inquietações decorrentes do

envolvimento com estas professoras”, no intuito de relacionar, sempre refletindo, a importância de sua formação, inicial e continuada, em sua trajetória docente.

A entrevistada Margarida, como veremos a seguir, afirma ter sido alfabetizada, em um primeiro momento, em casa por sua mãe e após ingressou em uma escola rural e Hortência reitera que as alfabetizadoras começavam a lecionar nas escolas rurais.

De acordo com Barreiro (2010) os anos de 1930 à 1945 foram marcados pela criação de vários órgãos relacionados à educação, em especial, a educação de adultos moradores da zona rural. Tais órgãos criados na época do Estado Novo objetivam a erradicação do analfabetismo no Brasil.

Posteriormente, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), engajada, também, no combate ao analfabetismo, mas preocupada, principalmente, com a Educação de Base ou Educação Fundamental lança várias estratégias de manutenção dessa educação.

Neste contexto, em 1952, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) que definia a Educação de Base ou Educação Fundamental como “um propósito de mudança cultural, um reagente poderoso capaz de arrancar da inércia e da rotina populações inteiras” (BARREIRO, 2010, p. 25)

Podemos perceber que através da preocupação do Estado, impulsionado pela Unesco, em combater e diminuir e erradicar o índice de analfabetismo no Brasil, surge, através dessa preocupação, a criação de uma Campanha preocupada como ensino dos moradores da zona rural, facilitando o acesso deles à educação.

Tal Campanha vem com intuito de oferecer Educação de Base á essa população e modificar a sua realidade pobre e precária, além disso a CNER privilegiou as ações de cunho pedagógico voltadas para essa modificação.

Dessa forma, a educação proposta deveria transcender a alfabetização e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento econômico e a autonomia do homem do campo, para sua fixação. (BARREIROS, 2010, p. 103)

Nesse sentido se baseiam as reflexões sobre a educação do campo e, no caso deste trabalho, a alfabetização voltada para a vida prática desse alunos. Clésio Acilino Antonio também reflete sobre esse assunto em sua tese de doutorado denominada **“Por Uma Educação do Campo”: Um Movimento Popular de Base**



**Política e Pedagógica para a Educação do Campo no Brasil** apresentada em 2010. Em sua tese Antonio (2010) discute sobre o movimento “Por uma Educação do Campo”, movimento que recebe auxílio de outros movimentos social como o MST (Movimento dos Sem Terra). Em discussão sobre o ensino e as reflexões advindas dele na educação do campo, ele afirma:

As reflexões situadas na Educação do Campo estão considerando a formação integral na relação como o trabalho social no campo; parece que essas reflexões reconhecem a necessidade de tratar os processos formativos escolares a partir de questões que apontam para as atividades educativas de modo a torná-las tangenciadas objetivamente pela realidade social dos educandos. (ANTONIO, 2010, p. 177)

Novamente vemos as discussões sobre a educação do campo voltadas, em sua formação, para as necessidades da população rural, ou seja, uma alfabetização pensada na vida prática dos alunos. Além disso, as reflexões sobre a educação do campo ou educação rural, ainda, seguem nessa linha de raciocínio, pois não basta oferecer a oportunidade de ensino sem que este venha com a possibilidade de associações dos alunos com o mundo que os rodeia.

Sobre as metodologias de ensino aplicados pelos professores no processo de alfabetização, Isabel Cristina Alves da Silva Frade em sua obra intitulada **Métodos e Didáticas de Alfabetização**, conceitua a prática de alfabetização como:

A prática de alfabetização é composta de modos de fazer assumidos por quem alfabetiza e também pelas teorias que vão se consolidando a cada época e, seja com o nome de técnicas, de métodos, de metodologia ou de didáticas de alfabetização, o fato é que os professores sempre precisaram/precisam conhecer e criar caminhos para realizar da melhor forma o seu trabalho. (FRADE, 2005, p. 8)

Podemos perceber que de acordo com a colocação de Frade (2005) o professor alfabetizador precisa além de conhecer as metodologias de ensino aplicáveis deve modificá-las, criando novos caminhos, repensando sua prática diariamente. Frade (2005) cita os métodos de alfabetização em 2 (dois) grandes grupos: os métodos sintéticos e os métodos analíticos. Fazem parte dos métodos sintéticos, segundo Frade (2005), o método: alfabético; fônico e silábico e dos métodos analíticos a autora elenca os métodos de: palavração; sentencição; global de contos e natural e de imersão

A diferença entre os métodos é que os que pertencem ao primeiro grupo (Sintéticos), sintetizam os conteúdos, fragmentando-os, como por exemplo o fônico que atenta apenas para a compreensão do som das palavras. Já o segundo grupo (Analíticos) que surgiram posterior à década de 1980 procuram desenvolver a alfabetização através da análise geral de um texto, por exemplo, o uso do método de contos, onde a professora trabalha com pequenos textos.

Marcos Pereira dos Santos, discorrendo sobre a alfabetização no Brasil das décadas de 1970 e 1980, afirma que a ideia de que a alfabetização nessas décadas eram mais eficazes por serem mais rígidas não se sustenta, já que a metodologia de ensino-aprendizagem é algo que se modifica a cada reflexão e, portanto não há modos de uma comparação válida.

A apropriação da escrita é um processo complexo e multifacetado, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético/ortográfico quanto a compreensão e utilização efetiva e autônoma da língua escrita em práticas sociais diversificadas. A partir da constatação dessa realidade na escola brasileira de ensino fundamental é que se tem falado, atualmente, em alfabetização e letramento como fenômenos socioeducacionais distintos e complementares. (SANTOS, 2014, p. única)

A diferença entre alfabetização e letramento que Santos (2014) traz para complementar a discussão, defendida por autores como Magda Soares, é que no processo de alfabetização o aluno compreende a técnica, a decodificação das letras e no processo de letramento ele põe essa “técnica”, como denomina Santos (2014), em movimento, sendo o letramento a inserção do aluno à cultura escrita.

Santos (2014) citando Bierkstekker (2006) e Motatti (2006) afirma que os métodos mais utilizados na década de 1970 foram os denominados *sintéticos* que, também, são chamados de silábicos ou tradicionais, os métodos analíticos surgiram apenas na década de 1980.

A partir desses conhecimentos sobre a metodologia de ensino na alfabetização e discorridos alguns problemas e reflexões sobre a educação do campo, podemos dar prosseguimento ao presente trabalho e ter uma melhor visão das falas das alfabetizadoras.

#### 4- PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa e se deu através da coleta dos relatos das alfabetizadoras oriundos de uma entrevista semi-estruturada. Os relatos coletados foram analisados com o intuito de compreender a visão dessas docentes sobre a alfabetização e seu papel na educação.

Escolhemos essa metodologia pelo fato dela visar um melhor entendimento e compreensão cerca das respostas das entrevistadas. Além disso, os questionamentos das entrevistas foram pensados com intuito dessa compreensão.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 32)

Por ser a memória das alfabetizadoras nosso objeto de estudo, a metodologia qualitativa se encaixa em nossos objetivos de sondagem da memória, sendo que tal objeto não pode ser quantificado. Além disso, utilizaremos como coleta dos dados a entrevista que se volta, também, para a pesquisa qualitativa.

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigação cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. (FRASER; GONDIM, 2004, p. 140)

De acordo com Fraser; Gondim (2004) a entrevista pode ser: “estruturadas, semi-estruturadas ou não-estruturadas” (p.143). A entrevista estruturada, também conhecida como entrevista fechada, é mais utilizada em pesquisas quantitativas, cujo objetivo é sondar um grupo ou estudar um caso, os questionamentos são fixos e planejados. A entrevista não-estruturada não possui um roteiro de organização dos questionamentos, deixando que o entrevistado fale sobre determinado assunto com poucas intervenções do entrevistador.

Já a pesquisa semi-estruturada possui um roteiro prévio das perguntas que serão feitas, contudo permite que o entrevistado fale sobre outras coisas relacionadas à pergunta. Dessa forma, utilizaremos como método de pesquisa e

coleta a entrevista semi-estruturada, planejada com questionamentos pertinentes ao trabalho, porém, permitindo que as entrevistadas conduzam o ritmo e o teor da entrevista.

De acordo com Manzini (2004) o objetivo da entrevista semi-estruturada seria: “Numa linha teórica fenomenológica, o objetivo seria o de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais.” (p. 3).

Os sujeitos dessas pesquisas foram duas alfabetizadoras aposentadas da cidade de Bagé-RS, ambas começaram a lecionar na década de 1970 e viram as transformações no ensino ocorridas nessa época.

As autoras Helenera Feller e Helenise Antunes no artigo intitulado **Professora Alfabetizadora: Um olhar sobre a Formação Pessoal e Profissional** pautam seus trabalhos enfatizando o método de coleta escolhido por elas que é o método biográfico Histórias de Vida.

O método biográfico Histórias de Vida permite o professor buscar na sua memória, o saber advindo da sua experiência, o saber experiencial. Pode-se dizer que a pluralidade dos saberes docentes são interpretados na prática, na experiência, com vivências significativas, que vão sendo compreendidos e selecionados os conhecimentos necessários à atuação no cotidiano do trabalho docente. (FELLER, ANTUNES, 2008, p. 5)

Compreendemos que este método empregado consiste, basicamente, na rememoração das alfabetizadoras. É através de seus relatos de sala de aula que as alfabetizadoras refletem sobre suas práticas e as mudanças que ocorreram ao longo de sua trajetória docente.

A reflexão torna-se uma possibilidade de interpretar até mesmo as más lembranças, como um aspecto positivo, para que não utilize em sua prática aquilo que não deu certo na sua vivência passada. Refletir sobre as lembranças contribui para que, através dela, possa-se organizar e alterar concepções em busca de melhoria das práticas educativas. (FELLER; ANTUNES, 2008, p. 7)

As autoras afirmam, ainda, que não é apenas relembrar, mas refletir sobre essas lembranças, refletir sobre as práticas docentes adotadas pelas entrevistadas. Portanto, é a oportunidade de refletir sua prática docente nos dias de hoje.

As entrevistas semi-estruturadas estão distribuídas em 4 (quatro) blocos: o primeiro bloco é constituído dos dados pessoais da alfabetizadora como idade, naturalidade e outros dados pertinentes à pesquisa. O segundo bloco busca sondar o percurso escolar da alfabetizadora entrevistada levando em conta as memórias boas e ruins e a reflexão dessas memórias. O terceiro bloco sonda a formação inicial e a formação continuada e as contribuições dessas formações. O quarto e último bloco busca as memórias das alfabetizadoras como docentes e o processo de ensino-aprendizagem empregado por elas quando docentes.

As entrevistas ocorreram na casa das entrevistadas ocorreram na residência das entrevistadas, local escolhidos pela familiaridade que possibilita que as memórias e reflexões aconteçam mais naturalmente. Além disso, esse local familiar permite que as entrevistadas se abram mais e conversem sobre suas memórias sem a necessidade de focalização das perguntas certas.

Discorridos a metodologia empregada na pesquisa e os métodos utilizados para a coleta de dados, podemos analisar e refletir as falas das alfabetizadoras tendo em mente as discussões anteriores presentes neste trabalho.

## **5- AS MEMÓRIAS DAS ALFABETIZADORAS ENTREVISTADAS**

Foram entrevistadas 2 (duas) alfabetizadoras aposentadas, para preservar suas identidades chamaremos a primeira de Margarida e a segunda de Hortência. Margarida possui 65 anos de idade, 33 anos de formada e 30 anos de experiência, já Hortência possui 69 anos de idade, 42 anos de formada e 36 anos dedicados à docência. Ambas entrevistadas cursaram o curso de Pedagogia após sua formação/habilitação para alfabetizadora nas Escolas Normais.

Como dito anteriormente, as entrevistas aplicadas seguem o roteiro da entrevista semi-estruturada e se divide em 4 (quatro) blocos: o primeiro constituído dos dados pessoais das professoras; o segundo buscou sondar o percurso escolar da entrevistada; o terceiro bloco buscou compreender a formação inicial e continuada e por fim o quarto e último bloco abriu espaço para que as professoras falassem sobre a metodologia aplicada e possíveis mudanças ocorridas nesta metodologia. Veremos as memórias das professoras alfabetizadoras separadamente.

### **5.1- Memórias da Professora Alfabetizadora Margarida**

A primeira pergunta do segundo bloco questiona sobre as lembranças mais marcantes das entrevistadas da época em que foram alfabetizadas. A Margarida respondeu que recorda de sua mãe lhe alfabetizando através da literatura infantil, esse processo de alfabetização caseiro fez com que ela adquirisse o hábito da leitura. Nas palavras da entrevistada: “Fui alfabetizada pela minha mãe, pois morava na zona rural (...) ela comprava vários livros com historias interessantes e eles me fascinavam, cada coisa que aprendia ficava feliz.”.

A segunda pergunta do segundo bloco pede para que as entrevistadas falem sobre a sua alfabetização posterior, buscando as memórias já na escola. A Margarida deu continuidade aos seus estudos em uma escola rural e recorda que ao ingressar fez uma prova de conhecimentos e passou para a segunda série. Margarida ainda lembra a letra da professora que a alfabetizou, evidenciando que esta alfabetizadora marcou positivamente sua vida e influenciou sua escolha pela profissão. Essa pergunta encerra este segundo bloco e correspondem a memórias pessoais que promoveram a escolha profissional de Margarida.

O próximo bloco de perguntas, o terceiro, questiona a formação básica e a formação continuada das alfabetizadoras, indo desde a formação nas Escolas Normais até a graduação em Pedagogia.

A primeira pergunta deste bloco questiona a formação da alfabetizadora antes de cursar pedagogia. Margarida lembra ter estudado na Escola Normal Presidente Vargas em Bagé (atual Justino Quintana). Recorda, ainda, que na época o curso era tradicional com as disciplinas específicas como didática do currículo, didática da linguagem, língua portuguesa e inglês, entre outras. A memória mais marcante da Margarida é que as aulas não permitiam a criatividade, orientando as futuras alfabetizadoras a seguirem um padrão mais rígido com os alunos e Margarida não concorda com essa metodologia estritamente sintética.

A segunda pergunta questiona a continuação da formação das alfabetizadoras, Margarida afirma ter cursado Pedagogia pela FUnBA (Faculdades Unidas de Bagé), hoje URCAMP (Universidade da Região da Campanha). Para Margarida o curso foi muito proveitoso por ter contato com professores muito bem capacitados, contudo menciona que as disciplinas cursadas foram as mesmas estudadas na Escola Normal, contudo “foi um embasamento maior do curso de professor” como afirma Margarida.

Questionada sobre a formação continuada, Margarida recorda que sempre que possível ingressava em cursos e que sobre a metodologia sempre foi adaptada com criatividade e em busca de uma alfabetização libertadora que mesclasse os métodos sintéticos e analíticos conforme a necessidade do aluno e da turma.

O quarto e último bloco de perguntas buscou, com maior profundidade, os relatos das alfabetizadoras sobre as memórias como docentes, as mais marcantes positiva e negativamente, bem como as dificuldades e as pessoas que as auxiliaram. A primeira memória da Margarida é que alfabetizar no começo era muito difícil por ter que obedecer e seguir um método tradicional imposto pelos coordenadores, mas que depois foi muito gratificante sua escolha e que recorda com muita felicidade os alunos lendo suas primeiras palavras.

Sobre a trajetória docente de Margarida, ela inicia em uma escola rural, onde lecionava para 3 (três) turmas de diferentes níveis ao mesmo tempo. Após, sua trajetória de alfabetizadora parte para escolas estaduais e tem seu ápice ao lecionar para o curso de magistério na escola Justino Quintana de Bagé-RS que antes era uma Escola Normal que formou esta alfabetizadora. Questionada sobre a

metodologia de ensino empregada, Margarida diz que sempre primou pela criatividade de seus alunos e que adotou o concretismo como metodologia, frisando que sempre fazia as modificações segundo sua prática. Por fim, foi pedido à entrevistada que ela resumisse em poucas palavras o significado de ser alfabetizadora, eis sua resposta: “Foi lindo, me engrandeceu como pessoa e profissional. Uma bela missão”. Conseguimos notar que esta alfabetizadora, através de suas palavras e lembranças, se aposenta com o sentido de dever cumprido e que mesmo optando por uma metodologia de ensino, mesmo que adaptada, conseguiu alfabetizar e mais do que isso, formar cidadãos letrados, inseridos no mundo das letras, mesmo sem aplicar métodos como os orientados pelo letramento.

## **5.2- Memórias da Professora Alfabetizadora Hortência**

Seguindo a análise das memórias das professoras alfabetizadoras, falaremos das memórias da professora Hortência. Na primeira pergunta do segundo bloco, Margarida recorda das primeiras palavras que toda criança aprende a escrever como: “Muito obrigado”, “Com licença” e afirma que para ela, esse primeiro aprendizado é o que mais marca, sendo que recorda até hoje de sua primeira turma de alfabetização.

Questionada sobre sua alfabetização, Hortência recorda do ensino rígido e a pouca interação que havia entre os colegas e frisa sua educação em “Colégio de Freira”. Notamos neste relato que os alunos não interagiam pela rigidez da metodologia aplicada pelo professor e pela relação estabelecida naquele determinado grupo.

O terceiro bloco de perguntas sonda sobre as memórias advindas da formação básica e continuada. Hortência estudou na Escola Normal Espírito Santo, hoje Colégio Franciscano Espírito Santo na cidade de Bagé-RS, uma escola religiosa, e o que mais lhe marcou foram os exames e o ensino tradicional das “irmãs”, como se refere Hortência. A segunda pergunta questiona a continuação da formação das alfabetizadoras. Hortência, tal como Margarida, cursou Pedagogia pela FUnBA (Faculdades Unidas de Bagé), hoje URCAMP (Universidade da Região da Campanha). Hortência afirma que a graduação foi proveitosa, pois a auxiliou a melhorar sua didática. Questionada, ainda, sobre a formação continuada Hortência afirma que continuou estudando, lendo e se aperfeiçoando, por conta própria e que



até hoje lê e sobre metodologias de ensino. Hortência frisa que mesmo sendo orientada a aplicar, somente, os métodos sintéticos, ao lecionar ela sempre buscou outras metodologias de ensino, utilizando ora métodos sintéticos, ora métodos analíticos, conforme a necessidade que se apresentava.

O quarto e último bloco de perguntas que buscou, com maior profundidade, os relatos das alfabetizadoras sobre as memórias como docentes, as mais marcantes positiva e negativamente, bem como as dificuldades e as pessoas que as auxiliaram. Hortência afirma que são excelentes essas memórias, citando que a interação entre professor e aluno é muito importante, pois um aprende com o outro.

A Hortência recorda, com maior ênfase, dos momentos de interação entre alunos e professor, afirmando que esse momento é uma troca de experiências, onde também se aprende. Quando começou a alfabetizar teve dificuldades, mas sempre obteve ajuda dos colegas, da equipe diretiva e do SOE (Sala de Orientação Educacional). Hortência começou a lecionar no município de Pedras Altas em uma escola rural e explica que naquela época as alfabetizadoras começavam a lecionar em escolas rurais para depois poderem lecionar em escolas urbanas. Já no fim de sua carreira, a professora alfabetizou na escola Silveira Martins em Bagé-RS e recorda com muita tristeza de sua saída, pois afirma que mesmo em idade de se aposentar, gostaria de poder ficar mais algum tempo inserida no contexto escolar. Questionada sobre a metodologia empregada, a Hortência afirma que seu método era o tradicional, utilizando recortes de jornais, de revistas, atividades de leitura e que acha importante os métodos de alfabetização atuais. Por fim, ao ser questionada sobre sua profissão ela responde: “O mais gratificante, agora, é quando saio para a rua e os pais de alunos me agradecem pela formação de seus filhos.”. Mesmo empregando uma metodologia tradicional, vemos que essa alfabetizadora foi uma boa alfabetizadora, vocacionada a ensinar e, mesmo que não tenha dito, é possível verificar que sim, ao longo de sua jornada ele mudou seu método de ensinar em razão do perfil das turmas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é o primeiro contato que temos com a educação, com a escola e com a interação, seja ela aluno-aluno ou aluno-professor. Podemos notar que temos duas alfabetizadoras com a mesma formação (Curso Normal e Licenciatura em Pedagogia), que começaram a lecionar na mesma época, década de 1970, e em escolas rurais, contudo suas memórias, sua história de vida e a formação de sua identidade são distintas.

Margarida se abriu mais na entrevista, sendo mais receptiva e, também, falando mais. Podemos notar em suas respostas que lembrar essa fase de sua vida lhe traz muita alegria. Já Hortência é mais reservada e um pouco triste por ter que se aposentar e dar um fim para essa trajetória, trajetória esta que a motivava como pessoa, além de profissional.

Quando comecei esta pesquisa, tinha muitas dúvidas sobre a carreira de professora, se era isso mesmo que gostaria de seguir ou não. Após essas entrevistas, percebendo o entusiasmo de Margarida e Hortência ao rememorem sua vida, só tenho certezas de que vale muito a pena seguir esta carreira profissional. Percebo, ao final desse trabalho, a importância da educação e do educador na sociedade onde está inserido. Essa importância vem atrelada à uma responsabilidade muito grande, pois, como futura professora formarei cidadãos que se transformarão nos mais variados profissionais dentro da sociedade.

Outro ponto fundamental para esta pesquisa foi a formação arcaica que tiveram nossa entrevistadas. Uma metodologia mais rígida e com poucos espaços para a interação, tendo o professor como o detentor do saber, contudo, ainda naquela época, ambas, refletindo os resultados obtidos em sala de aula, mudaram sua metodologia, inovaram em suas salas de aula e foram em busca de um conhecimento que construiu suas identidades docentes. Podemos afirmar que estas mudanças nos métodos aplicados fez toda a diferença para elas, como professoras alfabetizadoras, e para os alunos, no entendimento e construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, Clésio Acilino. **“Por uma Educação do Campo”: Um Movimento Popular de Base Política e Pedagógica para a Educação do Campo no Brasil.** 2010. 234 p. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ALMEIDA, Claudia Maria de. **A política de cessação do curso de magistério no estado do Paraná: Das razões alegadas às que podem ser aventadas.** 2004, 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

BARREIRO, Iría Marques de Freitas. **Política de Educação no Campo: Para Além da Alfabetização (1952-1963).** São Paulo: UNESP, 2010.

BIERKSTEKER, Tatiane Christine. Alfabetização: Uma Individualização do Ensino?. **Revista Olhar de Professor.** Ponta Grossa: Editora UEPG, v.9, n.2, pp. 377-390, jul/dez, 2006. In: SANTOS, Marcos Pereira dos. **Alfabetização Escolar no Brasil das Décadas de 1970 e 1980: Conceituação, Historicização e Processo Metodológicos,** 2014. Disponível em <<http://www.professornews.com.br/index.php/sobre-nos/quem-somos/5699-alfabetizacao-escolar-no-brasil-das-decadas-de-1970-e-1980-conceituacao-historizacao-e-processos-metodologicos>> Acesso em 20/10/2015.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê editorial, 2003. In FELLER, Elenara Leslei; ANTUNES, Helenise Sangoi. **Professora Alfabetizadora: Um olhar sobre a formação pessoal e profissional.** IN: VIII Congresso Nacional de Educação- EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas escolas-CIAVE, 2008. **Anais...** Porto Alegre: PUC-RS, 2008.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. **Uma retrospectiva da formação de professores: Histórias e questionamentos.** In VI Seminário da REDESTRADO-Regulação Educacional e Trabalho Docente, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

DIAS, Cleuza Maria Sobral; ENGERS, Maria Emília Amaral. **Tempos e Memórias de Professoras-Alfabetizadoras.** Educação, vol. XXVIII, num. 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 505-523. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

FELLER, Elenara Leslei; ANTUNES, Helenise Sangoi. **Professora Alfabetizadora: Um olhar sobre a formação pessoal e profissional.** IN Anais do VIII Congresso Nacional de Educação- EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas escolas-CIAVE, 2008.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e Didáticas de Alfabetização: História, Características e Modos de Fazer de Professores**. Belo Horizonte: UFMG, 2015. (Série Alfabetização e Letramento)

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Paidéia, vol. 14, num. 28, maio-agosto 2004, pp. 139-152. Universidade Federal de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.

MACHADO, Débora de Leão; OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Memória e Saberes de professoras alfabetizadoras do ensino fundamental**. In: IV Seminário de Pesquisa em Educação. Porto Alegre, 2002. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como Fonte: Problemas e Métodos**. *Historiae*, vol. 2, n.1, 2011, pp.95-108. Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, Brasil.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros**. In: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2, 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Editora Abril Ltda., ano XXI, n. 197, pp. 55-58, nov. 2006. In: SANTOS, Marcos Pereira dos. **Alfabetização Escolar no Brasil das Décadas de 1970 e 1980: Conceituação, Historicização e Processo Metodológicos**, 2014. Disponível em <http://www.professornews.com.br/index.php/sobre-nos/quem-somos/5699-alfabetizacao-escolar-no-brasil-das-decadas-de-1970-e-1980-conceituacao-historicizacao-e-processos-metodologicos> Acesso em 20/10/2015.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; COLLARES, Solange Aparecida de Oliveira. **Análise da eficiência da Lei 5692/71 na formação dos trabalhadores de Guarapuava sob a perspectiva de consciência para a cidadania e qualificação para o trabalho**. *Revista Histedbr*, n. 20, dezembro 2005, pp. 76-85. Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História: a problemática dos lugares", In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993. IN: RIBEIRO, Renilson Rosa. **Nos Jardins do Tempo: Memória e História na Perspectiva de Pierre Nora**. *Revista história e-história*. Universidade de Campinas, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11> Acesso em 22/09/2015.

OLIVEIRA, Stella Sanches de. **Implantação e Organização do Curso Ginásial no Sul do Mato Grosso: Expressões de um Projeto de Modernização (1917-1942)**. 2014. 282 p. Tese (Doutorado em Educação)- Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Nos Jardins do Tempo: Memória e História na Perspectiva de Pierre Nora**. *Revista história e-história*. Universidade de Campinas,

São Paulo, 2004. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11>> Acesso em 22/09/2015.

SANTOS, Marcos Pereira dos. **Alfabetização Escolar no Brasil das Décadas de 1970 e 1980: Conceituação, Historicização e Processo Metodológicos**, 2014. Disponível em <<http://www.professornews.com.br/index.php/sobre-nos/quem-somos/5699-alfabetizacao-escolar-no-brasil-das-decadas-de-1970-e-1980-conceituacao-historicizacao-e-processos-metodologicos>> Acesso em 20/10/2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Pesquisa qualitativa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TANURI, Leonor Maria. **História da Formação de Professores**. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Cortez, n° 14 mai/jun/jul, p. 61-88, 2000. In: ALMEIDA, Claudia Maria de. **A política de cessação do curso de magistério no estado do Paraná: Das razões alegadas às que podem ser aventadas**. 2004, 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 In MACHADO, Débora de Leão; OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Memória e Saberes de professoras alfabetizadoras do ensino fundamental**. In: IV Seminário de Pesquisa em Educação. Porto Alegre, 2002. **ANAIS**: Porto Alegre: UFRGS, 2002.

**APÊNDICES****Apêndice A- Termo de Cessão.****TERMO DE CESSÃO**

Eu, \_\_\_\_\_ portador(a) do (a)  
RG nº. \_\_\_\_\_, emitido pela \_\_\_\_\_, autorizo o (a)  
pesquisador(a) a utilizarem o depoimento que concedi ao pesquisador(a)  
\_\_\_\_\_, portador (a) do RG  
nº. \_\_\_\_\_, que foi assinado por mim em todas as vias.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do responsável pela pesquisa:**

\_\_\_\_\_

Bagé, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

## Apêndice B- Roteiro da Entrevista Semi-Estruturada

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### 1. DADOS PESSOAIS

Nome:

\_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Estado:

\_\_\_\_\_

Quantos anos de Formado(a): \_\_\_\_\_

Tempo de Experiência como Alfabetizadora: \_\_\_\_\_

#### 2. O PERCURSO ESCOLAR DO/A ALFABETIZADORA

- a) Fale um pouco das lembranças positivas, das marcas que o processo de alfabetização deixou em você, quando era criança: (Família, Escola);
- b) Depois dessa fase inicial, o que mais marcou na escola: O método, o professor, os colegas, por quê?

#### 3. A FORMAÇÃO BÁSICA? FORMAÇÃO CONTINUADA:

- c) Você lembra-se da sua formação para ser alfabetizador (a) no curso de magistério do 2º grau? Quais eram as disciplinas? Quais professores? Que metodologias utilizavam? Como avaliavam?
- d) Você conseguiu fazer alguma licenciatura na Universidade? Qual? Em que local? Você lembra-se das disciplinas que tratavam especificamente da alfabetização ou metodologia das séries iniciais? O que esse curso auxiliou para compreender a área de alfabetização? (não, por quê?)

e) Depois de formado(a), você continuou estudando? Onde? Como? De que forma? O que era trabalhado nos cursos? Qual metodologia era utilizada?

4. Conte como foi sua experiência como alfabetizador/a:

f) Na sua trajetória de alfabetizadora, como construiu seus saberes docentes (professora)? Teve ajuda dos colegas (professores/as, diretor, da coordenação da escola, dos livros, dos cursos que fez, etc...)

g) Fale um pouco da/s escola/s em que trabalhou e dos colegas com os quais teve um vínculo mais significativo, contribuindo para sua carreira profissional.

h) Como foi sua prática pedagógica na alfabetização? Que metodologia utilizava? Fale de algumas experiências que julgou bem sucedida?

i) Quais recursos pedagógicos e didáticos? Você mais utilizava em seu cotidiano de sala de aula? Por que fez estas escolhas e não outras?

j) Como avaliaria, hoje, o seu trabalho como alfabetizadora?

k) Para você, o que significou ser alfabetizadora em Bagé?



## Apêndice C- Termo de Consentimento

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_.

Declaro que estou de acordo em fornecer informações ao pesquisador (a), aluno (a) da Universidade Federal do Pampa, do Curso de \_\_\_\_\_ do campus Bagé, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada provisoriamente de \_\_\_\_\_.

Declaro, ainda, que tenho conhecimento de que a minha participação nesta fase do projeto consiste em conceder entrevistas, que serão gravadas, sobre minha trajetória docente e história de vida pessoal.

Estou ciente de que todas as informações fornecidas serão utilizadas de maneira sigilosa, sem referencia a minha identificação pessoal.

Bagé, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do responsável pela pesquisa:**

\_\_\_\_\_